

# O SONHO QUE CRESCER DEMAIS

Cristine Gentil  
Da equipe do **Correio**

Quando chegou ao prédio onde mora, plantado no barro vermelho da 407 Sul, a carioca Ercy Muniz da Silva enxergava pouco além de mato, ruas vazias e áreas descampadas. Podia vislumbrar na capital, no máximo, a compra do apartamento próprio e de melhores condições de trabalho para o marido. Nada que pudesse anunciar uma cidade que hoje beira os dois milhões de habitantes, onde circulam 737 mil carros e mais de dois mil ônibus nas avenidas antes desertas. Uma cidade onde se consome a cada hora três milhões de megawatts de energia, e sete mil litros de água por segundo.

Pois é justamente essa a cidade, com seus números de metrópole, que se mostra aos olhos da menina Jéssica, de 6 anos, neta de Ercy. Duas gerações depois, a Brasília da carioca Ercy, que aterrissou no hangar da capital em 1970, é uma outra, distante daquela vista por seus filhos e por seus netos. E que, com certeza, também será diferente para os seus bisnetos.

“Não consigo imaginar como será Brasília daqui a dez anos, assim como não sei como a cidade chegou ao ponto que está hoje”, espanta-se Ercy, 61 anos, mãe de quatro filhos, dois deles nascidos aqui e todos criados na cidade.

Mas, se não é possível prever completamente o cenário da cidade, já existem números que insinuam o seu futuro. E servem para balizar ações de governo que podem fazer os próximos anos menos difíceis do que parecem.

O estudo mais recente da Companhia de Desenvolvimento do Plano Central (Codeplan), feito em

Zuleika de Souza



Ercy Muniz com os filhos e a neta: três gerações em Brasília, uma aventura que começou ainda na década de 70

1997 e que começa a ser divulgado agora, mostra que a população do Distrito Federal deve chegar a 2,5 milhões em 2010 e alcançar a marca dos 3 milhões em 2021. Caso se confirmem as projeções populacionais, é como se a cidade, planejada inicialmente para virar o milênio com 500 mil pessoas, tivesse que ser reinventada ou reprogramada a cada dez anos para caber tanta gente.

Os números não refletem um crescimento exagerado, mas preocupam. Para não comprometer to-

talmente a qualidade de vida que fez Brasília se distanciar do caos urbano de outras capitais, é preciso planejar e traçar estratégias agora para garantir um crescimento ordenado.

## CRESCIMENTO MENOR

No início, Brasília crescia 14% ao ano. Nos 70 para 80, a população aumentava 8% a cada ano. De 80 para 90, o crescimento era em torno de 8%. Nos anos 90, esse número baixou para 2,8%. E deve chegar ao

ano de 2010 com menos de 2%.

“Brasília não está crescendo a um ritmo acelerado, mas mesmo assim o volume de pessoas é preocupante”, acredita a estatística e demógrafa Ana Maria Nogales Vasconcelos, professora da Universidade de Brasília. “Onde essas pessoas serão assentadas? Haverá emprego? Os governos devem pensar nisso agora, levando em consideração o volume e a estrutura da população”, continua Ana Maria.

As projeções da Codeplan trazem



ainda outras informações. Pode-se prever, por exemplo, que as mulheres continuarão sendo maioria e que terão menos filhos, que a mortalidade infantil deve chegar aos índices de países desenvolvidos, e que os brasilienses viverão mais. “Um indivíduo a mais que sobrevive exige uma nova demanda na área de educação. Uma pessoa com expectativa de vida maior exige uma demanda de serviço mais especializado”, exemplifica Ana Maria, para mostrar a importância do planejamento.

Para projetar a população, os técnicos da Codeplan levam em consideração a taxa de fecundidade (número de filhos por mulher), de mortalidade e o movimento migratório. Desses três fatores, a migração é o menos previsível. “A migração é um fenômeno dinâmico. Tem a ver com fatores de atração de emprego, com a busca de serviços de saúde, fora os problemas da área de origem”, explica a estatística e demógrafa da UnB, Claudete Ruas, especialista na área de migração.